Para Refletir

A Urgência de um Humanismo Mínimo[1]

Leonardo Boff[2]

Meu sentimento do mundo me diz que possivelmente nunca na história dos últimos tempos tenhamos vivido, a nível universal, tanta desumanidade. Quando falo em desumanidade quero expressar o desprezo total pelo valor do ser humano para com outro ser humano diferente, seja de etnia (negros, indígenas, palestinos), seja político (fundamentalistas, conservadores), seja de religião (muçulmanos, candomblé), seja de gênero (mulheres e LGBTQ+). Por um tênis alguém é morto; uma pequena discussão de trânsito pode terminar num assassinato à bala.

Sem falar da guerra Rússia-Ucrânia (por detrás estão os EUA e a OTAN), a mais espantosa desumanidade está sendo assistida por toda a humanidade, através das mídias digitais, a céu aberto: a dizimação de todo um povo, palestinos da Faixa de Gaza, centenas de mulheres e milhares de crianças inocentes sacrificadas pela fúria vingativa do atual primeiro ministro israelense, de extrema-direita, Benjamin Netanyahu. Seu ministro da Defesa declarou explicitamente que os palestinos da Faixa de Gaza (especialmente o ramo militar Hamas que perpetrou um ato terrorista contra Israel a 7 de outubro de 2023 com cerca de 1200 vítimas) são como animais, são sub-humanos e assim devem ser tratados, eventualmente, exterminados.

[...]

Por que somos incapazes de nos tratar humanamente? Vale dizer, nos acolher como membros da mesma espécie homo, nos respeitar nas formas diversas de organizar a vida social e pessoal, nos hábitos, nas tradições e nas expressões religiosas e práticas sexuais? O que existe em nós que nos torna inimigos uns dos outros, homicidas, fratricidas, etnocidas e ultimamente biocidas? Há alguns que afirmam que o homem de Neandertal, também um humano pensante, teria sido exterminado pelo homo sapiens.

[...]

Não conheço nenhuma resposta satisfatória. O que podemos dizer, como tantos pensadores o tem sustentado, que o ser humano, por sua condição existencial, é simultaneamente sapiens e demens. É movido por impulsos contraditórios, mas que convivem na mesma pessoa, um de destruição e outro de construção. Tenho trabalhado com duas categorias: a dimensão sim-bólica do ser humano (a que une e congrega) e dimensão dia-bólica (a que desune e desagrega). Ambas convivem, se confrontam e trazem dinamismo à história.

Por um tempo, por razões múltiplas que não cabe aqui aventar, predomina a dimensão sim-bólica. Assim surge uma sociedade de convivência pacífica e cooperativa. Num outro, impera a dimensão dia-bólica que dilacera o tecido social, produz violência e até guerras. Temo que estamos neste momento sob o predomínio do dia-bólico, recalcando o sim-bólico, pois prevalece o pensamento fundamentalista, fascista e de uso da violência para resolver os problemas sociais.

Não basta descrever esta fenomenologia de dualidade. Temos que cavar mais fundo. Estimo que a causa principal da desumanidade atual e histórica reside na erosão da Matriz Relacional (Relational Matrix). Quer dizer, ao longo da história, lentamente, mas por fim de forma cabal, rompemos o sentimento de que todos estamos interligados, que relações se instauram entre todos os seres, formando o grande todo da natureza, da Terra e até do cosmos.

Com a irrupção da razão e seu uso como poder de dominação, rompemos com a Matriz Relacional. Temos nos considerado senhores e donos das coisas. Podemos usá-las inescrupulosamente em nosso benefício, com o pressuposto falso de que elas não possuem valor em si mesmas e, por isso, são destituídas de propósito, inclusive o planeta Terra. Assim se fundou o paradigma da modernidade.

Essa ruptura mostra-se hoje extremamente danosa, pois a natureza ou a Terra estão se voltando contra nós, enviando-nos eventos extremos, uma gama de vírus letais e, nos últimos tempos, o aquecimento global que já se tornou sem retorno. Introduziu uma nova e perigosa fase do planeta Terra e da história humana.

A ruptura da Matriz Relacional com os seres da natureza levou a uma ruptura com sua origem, com o Criador de todas as coisas. O que se chamou de "a morte de Deus" significa que perdemos aquele Elo que dava coesão e sentido de plenitude ao nosso viver e a existência de um Sentido último da vida e da história. A proclamação da morte de Deus (sua ausência na consciência pessoal e coletiva) deu origem a muitos humanos desenraizados e mergulhados numa profunda solidão. O oposto a uma visão humanístico-espiritual do mundo, que afirma que a vida tem sentido e a história não termina no vazio, não é o materialismo ou o ateísmo. É o desenraizamento e o sentimento de que estamos sós no universo e perdidos, coisa que uma visão humano-espiritual do mundo impedia.

Hoje temos que voltar à nossa própria essência para refundar um humanismo mínimo. Quer dizer, colocar como marcos orientadores de nossa existência e coexistência neste planeta o cuidado de uns para com os outros e para com a comunidade de vida, o amor como a maior força congregadora e humanizadora de todas as relações, desentranhar de nosso interior nossa potência de cooperação e de solidariedade especialmente para com os que ficaram para trás. Uma opção coletiva pela corresponsabilidade pelo destino comum, e, por fim, abrirmo-nos àquela Energia poderosa e amorosa de intuímos em nosso íntimo como razão e sustentáculo de toda a realidade. Podemos dar-lhe mil nomes ou nenhum. As religiões chamam-na de Deus, os cosmólogos de Abismo alimentador de todos os seres, ou o que prefiro, "aquele Ser que faz ser todos os seres". Esqueçamos os nomes e concentremo-nos nessa Energia Inteligente e Suprema que sustenta e subjaz a todos os seres e fenômenos. É uma visão humano-espiritual das coisas.

[...]

Desta forma, construiremos uma convivência humana na qual não será tão difícil a acolhida de uns e de outros e na qual poderá florescer a solidariedade essencial, a cooperação e o amor "que move o céu, todas as estrelas" e os nossos corações. Ou daremos este passo ou nos devoraremos uns aos outros. sim-bólico.

[1] Este texto é uma adaptação do artigo "A urgência de um humanismo mínimo", de Leonardo Boff, publicado na revista Novamerica, edição nº 183 Amorosidade: dimensões. Foram suprimidos três parágrafos da versão original, preservando-se a estrutura argumentativa, o sentido central e a mensagem comunicada pelo autor. Disponível em: https://www.novamerica.org.br/ong/wp-content/uploads/2024/08/0183.pdf. Novamerica. Acesso em: 28 ago. 2026

[2] Teólogo, filósofo, escritor, professor e membro da Iniciativa Internacional da Carta da Terra - lboff@leonardoboff.eco.br - Brasil

NOVAMERICA
Programa Direitos Humanos
Educação e Cidadania

ISSN 1519-9827 - NOVAMERICA
Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo - CEP : 22280 - 030
Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL - Tel/fax:2295 8033
E-mail: escola@novamerica.org.br
http://www.novamerica.org.br

2026
DDHH Direitos Humanos na sala de aula

Editora: Susana Sacavino
Texto Final: Erica Nascimento
Supervisão Editorial: Adelia Maria Koff
Composição Gráfica: Compañia Visual Manteca
Equipe Responsável: Maria Consolação Lucinda
Erica Nascimento
Vera Maria Candau

Ano XXV - Nº 188
Outubro/Novembro de 2026

DDHH Direitos Humanos na sala de aula

Apresentação

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.

Paulo Freire

Nesta edição do Boletim DDHH na Sala de Aula convidamos você a experimentar uma educação para o cuidado, um caminho que integra a escuta de si, do outro e da vida em comum. Como nos inspira Paulo Freire, educar é um ato de coragem e a escola pode ser o espaço onde essa coragem se pratica todos os dias, inclusive diante de temas desafiadores, como aqueles que atravessam esta edição.

O cuidado, tal como discutimos sob nosso lema anual "Cuidar e promover a vida, direitos humanos em foco!" nos desafia a ir além do afeto entre pessoas próximas. É um convite a reconhecer que garantir dignidade, proteção e direitos é responsabilidade compartilhada entre família, comunidade e Estado, e que ninguém deveria enfrentar sozinho aquilo que ameaça sua vida ou seus direitos.

Nesta edição, propomos atividades que são verdadeiros convites à prática do cuidado coletivo. Elas estimulam a cooperação entre colegas, o reconhecimento de direitos no cotidiano escolar e a investigação sobre caminhos reais de proteção quando um direito é violado. Por meio da escuta, da pesquisa e da construção coletiva, os estudantes são chamados a se tornarem protagonistas de práticas de cuidado consigo, com os colegas e com a comunidade.

Esperamos que este material inspire você a cultivar, junto com seus estudantes, práticas de cuidado, direitos humanos e solidariedade.

Seguimos!

A Equipe

Datas Significativas

Outubro
02
Dia Mundial da Juventude
08
Dia do Direito à Vida
12
Dia das Crianças
13
Dia Internacional para Redução de Desastres Naturais
15
Dia do/a Professor/a
17
Dia Internacional para Erradicação da Pobreza

Novembro
16
Dia Internacional da Tolerância (UNESCO)
20
Dia Nacional da Consciência Negra
20
Dia da Proclamação dos Direitos da Criança (ONU)
25
Dia Internacional de Combate à Violência contra a Mulher

Novamerica na rede!

O Dia Internacional para a Redução do Risco de Desastres, em 13 de outubro, chama atenção para a importância da prevenção e da proteção das comunidades mais vulneráveis. https://www.youtube.com/watch?v=xiwp1XSuCSI



16 de outubro é o Dia Mundial da Alimentação, uma data importante para promover reflexão e ação nas escolas, comunidades e políticas públicas para garantir segurança alimentar e nutricional. https://www.youtube.com/watch?v=7-cEb_1jZCo

O Dia Internacional da Erradicação da Pobreza, celebrado em 17 de outubro, busca conscientizar a sociedade e os governos do mundo inteiro sobre o elevado número de pessoas que ainda vivem em extrema pobreza, expostas à miséria, fome crônica e violência. https://www.youtube.com/watch?v=JLRrW9ibaHI



O Dia da Consciência Negra, em 20 de novembro, marca a luta por reparação histórica e convida à reflexão sobre o racismo estrutural nas relações sociais em nosso país. https://www.youtube.com/watch?v=Y-4JzM2IzUM

Muitas vezes institucionalizada e naturalizada em nossa sociedade, a violência contra a mulher é denunciada no dia 25 de novembro, Dia Internacional de Combate à Violência contra a Mulher, que convoca à transformação dessa realidade. https://www.youtube.com/watch?v=BcNhQx5bHvE

Confira outras atividades no canal da Novamerica no YouTube: https://www.youtube.com/c/novamerica1991

Novamerica na rede: vai acontecer!

Fique por dentro da nossa programação! Acompanhe nossas atividades pelo site da Novamerica, do Observatório de Educação em Direitos Humanos em Foco, pela Facebook e pelo nosso Instagram.

Participe

Sua escola desenvolve práticas que colocam o cuidado e os direitos humanos no centro do cotidiano? Rodas de escuta entre estudantes, iniciativas de convivência e resolução coletiva de conflitos? Compartilhe conosco! Envie relatos e fotos para escola@novamerica.org.br. Sua prática pode ser publicada na próxima edição do boletim DDHH na sala de aula!



@ong.novamerica @ong_novamerica YouTube https://www.youtube.com/c/novamerica1991

A sala de aula em movimento

Cara educadora, caro educador, as atividades a seguir são um convite para tecer, na prática escolar, os fios do cuidado e dos direitos humanos.
Todo cuidado começa em pequenos gestos: escutar com atenção, esperar a vez, reconhecer um direito, saber para onde encaminhar quando algo não vai bem.
As atividades propostas nesta edição do DDHH nascem do cotidiano da turma e se constroem com e a partir das crianças, adolescentes e jovens, abrindo novas formas de olhar, agir e se responsabilizar coletivamente.
As propostas foram pensadas para conectar a escola à sua própria rotina de convivência e ao território em que se insere, favorecendo momentos de escuta, cooperação, investigação e construção coletiva de caminhos para que direitos sejam conhecidos, reconhecidos e garantidos.
São experiências pensadas para diferentes idades, mas que compartilham um mesmo horizonte: o de uma escola que cuida, que escuta e que fortalece, desde cedo, o compromisso com a vida em comum. Sinta-se à vontade para adaptar, recriar e integrar estas propostas à realidade da sua turma, sempre colocando os direitos humanos, o cuidado de si, do outro e do planeta no centro do processo educativo.
Boas reflexões e bons trabalhos!

Ensino Fundamental
Anos iniciais (1º, 2º, 3º)

Nossos combinados em ação!

Nesta atividade, a turma será convidada a atravessar um "rio" cheio de desafios. Para chegar ao outro lado, será preciso escutar, esperar, ajudar, pedir ajuda e encontrar soluções em conjunto.

1º Momento:

- Reúna a turma perto do cartaz dos combinados do grupo.
- Retome alguns dos combinados já conhecidos e pergunte:
  - É fácil cumprir esses combinados o tempo todo?
  - Em que situações é mais fácil?
  - Quando é mais difícil?
- Explique que, naquele dia, a turma será convidada a enfrentar um desafio em que precisará colocar alguns desses combinados em ação.
- Se a turma ainda não tiver combinados registrados, convide as crianças a lembrar algumas atitudes que consideram importantes para que todos possam aprender, brincar e conviver bem. Registre as ideias em um cartaz.

2º Momento:

- Organize as "pedras" no chão, formando um percurso de um lado ao outro do espaço. As pedras podem ser feitas com folhas de papelão ou outro material disponível. Assegure que a quantidade de "pedras" seja menor do que a de participantes.
- Diga às crianças que a sala se transformou em um rio e que toda a turma precisa chegar ao outro lado. Há apenas um caminho possível: é preciso pisar somente nas pedras.
- Antes de começar, combine uma regra fundamental:

> **Ninguém pode ser empurrado, puxado ou ficar para trás.**
> **A turma precisa encontrar uma maneira de fazer com que todos atravessem.**

- Deixe que conversem, levantem hipóteses e experimentem algumas possibilidades.
- Caso não percebam que há menos pedras do que participantes, chame a atenção para essa situação: Temos pedras suficientes para cada pessoa ficar em uma? O que podemos fazer?
- Não apresente a solução. Deixe que a própria turma descubra que será necessário dividir espaços, esperar, ajudar e reorganizar o caminho.

3º Momento:

- Deixe as crianças experimentarem a travessia e observe como o grupo se organiza.
  - Quem toma a iniciativa?
  - Quem espera?
  - Quem ajuda?
  - Quem pede ajuda?
  - As crianças conseguem conversar antes de agir?
  - Alguém está ficando de fora?
- Sempre que necessário, faça pequenas intervenções para favorecer a participação de todas e todos, sem antecipar as soluções.
- Depois da primeira travessia, proponha novos desafios.
  - Forme duplas. Cada dupla deverá atravessar mantendo as mãos dadas ou apoiando uma das mãos no ombro do colega, procurando caminhar no mesmo ritmo.
  - Entregue ao grupo alguns objetos que deverão ser levados até o outro lado sem cair. As crianças precisarão decidir como transportá-los e quem poderá ajudar.
  - Retire uma ou duas das pedras durante a travessia.
- A partir destes desafios o grupo precisará encontrar uma maneira de reorganizar o caminho, dividir os espaços, esperar ou pedir ajuda aos colegas.

4º Momento:

- Ao final dos desafios, retome a conversa destacando as situações vivenciadas. Pergunte o que eles têm a compartilhar sobre o que ajudou a turma a travessas, o que dificultou, se alguém precisou pedir ajuda, se alguém teve que esperar e o que foi feito quando perceberam o que estava ou não funcionando pra realizarem o desafio de atravessarem as pedras.
- Procure registrar as reflexões, destacando que atitudes como esperar, ajudar, dividir, combinar, participar e cuidar ajudam a turma a encontrar uma maneira de chegarem juntas ao objetivo que era "atravessar o rio"

5º Momento:

- Finalize destacando que os combinados ajudam o grupo a construir maneiras de conviver, participar e cuidar para que ninguém fique de fora. Assim como no rio, no dia a dia da turma também precisamos escutar, esperar, ajudar, pedir ajuda e encontrar, juntos, caminhos para que todas e todos possam participar.

Enriquecendo a ação:

Dicas na internet:

- **Quem cuida de quem cuida?** Programa #BoraEntender, do Canal da Câmara dos Deputados, discute a Política Nacional de Cuidados (Lei nº 15.069/2024)
  https://www.youtube.com/watch?v=HULqMBg2AkU

Publicações online:

- Artigo de Revista, intitulado "**Tejer la Red: el cuidado como horizonte contra toda forma de violência",** defende o cuidado como categoria política central no enfrentamento de violências estruturais.
  https://www.novamerica.org.br/ong/?p=2983

Filmes/documentários:

- Documentário **Guerra Sem Fim - Resistência e Luta do Povo Krenak** (2016)

  Unnova Produções, em parceria com o Ministério Público Federal (MPF).

  O documentário narra a história e a resistência do povo indígena Krenak contra o extermínio, com foco especial no período da ditadura militar (1964-1985). A partir de depoimentos de membros da etnia e de especialistas colhidos pelo MPF-MG e pelo GT sobre Povos Indígenas e Ditadura Militar, o filme percorre desde os primeiros encontros violentos com os colonizadores até as campanhas de extermínio ocorridas na colônia e no regime militar.
  https://www.youtube.com/watch?v=DfkGVfkJpAM&t=11s

Materiais Impressos:

- Livro - **Ernesto**, de Blandina Franco e José Carlos Lollo (Ilustrações). São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016
- Livro - **O Pote Vazio**, de Demi. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007

Temos Direito!

O **ECA Digital** (Lei nº 15.211/2025), sancionado em setembro de 2025 e em vigor desde março de 2026, atualiza o Estatuto da Criança e do Adolescente para o ambiente das telas e das redes.

Artigo 4º — A utilização de produtos ou serviços de tecnologia da informação por crianças e adolescentes tem como fundamentos:

I. a garantia de sua proteção integral;

IV. a segurança contra intimidação, exploração, abuso, ameaça e outras formas de violência;

VIII. a promoção da educação digital, com foco no desenvolvimento da cidadania e do senso crítico para o uso seguro e responsável da tecnologia.

Proteger crianças e adolescentes é também estar atento ao que acontece nas telas, onde violência, exploração e intimidação podem se manifestar tanto quanto no mundo físico. Apostar na educação digital é uma das estratégias para que crianças e adolescentes desenvolvam, desde cedo, um olhar crítico, consciente e cuidadoso sobre as relações que constroem nesses espaços.

Ensino Fundamental
Anos iniciais (4º, 5º e 6º)

Caça aos Direitos

Ao encontrar cada palavra, as crianças terão um pequeno desafio para pensar sobre como aquele direito aparece no cotidiano da escola, nas relações e nos espaços que compartilham.

1º Momento:

- Comece com uma provocação: O que todas as crianças precisam para aprender, brincar e conviver bem na escola?
- Enquanto as crianças falam, registre algumas das palavras que aparecerem no quadro. Respeito? Cuidado? Escuta? Participação? Igualdade?
- Explique que existem direitos que ajudam a garantir uma vida com dignidade e que, nesta atividade, a turma irá procurar algumas dessas palavras pela sala.

2º Momento:

- Antes da atividade, pequenas cartas com as palavras serão espalhadas ou escondidas pela sala. As crianças poderão procurar as cartas individualmente ou em pequenos grupos.
- No verso de cada carta haverá uma pergunta ou pequeno desafio, ou seja, não basta encontrar a palavra; é preciso pensar sobre ela.

RESPEITO	IGUALDADE	ESCUTA	BRINCAR	PARTICIPAÇÃO

3º Momento:

RESPEITO	O que podemos fazer para mostrar respeito por uma colega ou um colega?
IGUALDADE	Todas as pessoas precisam ter as mesmas oportunidades? Conte um exemplo.
ESCUTA	Em dupla: uma pessoa fala durante alguns segundos e a outra apenas escuta. Depois, conte o que você entendeu.
BRINCAR	Por que brincar é importante para as crianças?
PARTICIPAÇÃO	Pense em uma decisão da escola que poderia contar com a opinião das crianças.

4º Momento:

- Depois que todas as cartas forem encontradas, reúna as crianças e observe com elas as palavras que apareceram.
  - O que essas palavras têm em comum?
  - Tem alguma palavra importante para a nossa convivência que não apareceu na nossa caça?
- Em seguida, proponha que, em pequenos grupos, as crianças escolham uma das palavras encontradas e criem um cartaz para compartilhar com a comunidade escolar a força e a importância dessa palavra no dia a dia.
- O cartaz pode trazer a palavra escolhida, uma ilustração e uma frase ou mensagem criada pelo grupo, mostrando o que essa palavra significa para a convivência e por que ela é importante na vida de todos os dias.
- Os cartazes podem ocupar um espaço de destaque na escola, fazendo com que as palavras encontradas na caça aos direitos continuem circulando, provocando encontros, conversas e novas formas de olhar para a convivência.

Quadro 1	Respostas	De onde vieram essas informações?
O que é esse serviço?		
Para que ele serve?		
Quem pode procurar?		
Em que situações pode ajudar?		
Como entrar em contato?		
Onde existe esse serviço no nosso território?		
De onde vieram essas informações?		

Ensino Fundamental
Anos finais (7º 8º e 9º)

Quando um direito é violado, que caminhos existem?

Nesta atividade, estudantes serão convidados a analisar uma notícia sobre violência doméstica e familiar contra as mulheres e investigar o que dizem as leis e os serviços públicos responsáveis pela proteção e garantia de direitos. A proposta busca desenvolver a capacidade de pesquisar, verificar informações e reconhecer caminhos de acesso a direitos.

1º Momento:

- Iniciar a atividade com uma breve conversa sobre as ideias que circulam no cotidiano a respeito da violência contra as mulheres.
- Explique que, durante a atividade, a turma irá investigar uma notícia e procurar entender o que existe depois da notícia: quando uma mulher vive uma situação de violência, que direitos estão sendo violados? Quem pode ajudar? Que serviços existem? E como chegar até eles?
- Apresente à turma a notícia "Brasileiras sofrem violência sem se reconhecerem como vítimas", publicada pela Agência Senado em 26 de agosto de 2026, disponível no link: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2026/08/26/brasileiras-sofrem-violencia-sem-se-reconhecerem-como-vitimas
- Organize a turma em grupos de até cinco pessoas e incentive-os a ler a notícia e destacar o que mais chamou a atenção.
- Algumas perguntas podem orientar a conversa:
  - O que essa pesquisa revela sobre a violência contra as mulheres?
  - O que significa uma mulher vivenciar uma situação de violência e não reconhecê-la como violência?

2º Momento:

- Depois da leitura, retome um dos dados apresentados na notícia: embora uma em cada três brasileiras tenha vivido alguma situação de violência doméstica ou familiar nos 12 meses anteriores, apenas 4% declararam espontaneamente ter sofrido violência; outros 29% relataram situações concretas, mas não se reconheceram como vítimas.
- A partir dessa informação, proponha à turma a seguinte pergunta:
  - Quando uma mulher reconhece que está vivendo uma situação de violência, o que acontece depois?
- É possível que os estudantes mencionem polícia, delegacia, ligar 180, assistência social, Defensoria etc.
- Registre no quadro aquilo que aparecer e sem confirmar ou corrigir imediatamente proponha uma reflexão: Será que conhecemos realmente esses serviços? O que cada um faz? Quem pode procurar? Em que situação? Onde existe esse serviço no nosso bairro, território?

3º Momento:

- Cada grupo ficará responsável por investigar um dos serviços que apareceu na notícia ou que foi levantado pela própria turma durante a atividade.
- Delegacia da Mulher, Ligue 180, Defensoria Pública, CRAS e CREAS são serviços mencionados ao longo da reportagem.
- Para orientar a investigação, o grupo poderá escolher três das perguntas da tabela. Toda informação encontrada deverá ter sua fonte identificada. (Quadro 1)

4º Momento:

- Depois da investigação, coloque no centro do quadro a expressão SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER. A partir da devolutiva dos grupos, os serviços investigados vão sendo registrados ao redor dela.
- À medida que cada grupo apresenta suas descobertas, incentive a turma a identificar possíveis relações entre os serviços.

5º Momento:

- Com a rede construída, retome a questão inicial: quando uma mulher vive uma situação de violência, que direitos estão sendo violados? Quem pode ajudar? Que serviços existem? E como chegar até eles?
- Sintetizar os conhecimentos construídos ao longo na atividade e sintetizar que informação, acesso e uma rede de proteção fortalecida fazem parte da garantia de direitos.

Fonte: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2026/08/26/brasileiras-sofrem-violencia-sem-se-reconhecerem-como-vitimas

